

*“São Domingos, o grande São Domingos”:
repercussões e representações da Revolução
Haitiana no Brasil escravista
(1791 – 1840)**

WASHINGTON SANTOS NASCIMENTO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

Este artigo tem por propósito estabelecer uma discussão sobre as repercussões e as representações da revolução haitiana, no período de 1791 a 1840, entre autoridades coloniais, letrados brasileiros e viajantes que passaram por aqui. Pretende mostrar como tais indivíduos construíram um imaginário representacional sobre o perigo a que estava submetido o sistema escravista colonial brasileiro e, mais particularmente, as lições (negativas e positivas) aprendidas com a revolução ocorrida em São Domingos.

PALAVRAS-CHAVE: Haiti; Negro; Representações; Revolução.

ABSTRACT

This article has for purpose to do a discussion relative ace images and representations of the Haitian revolution among the Brazilian scholars and travelers that passed for here from 1791 to 1840. He intends to show through these texts as such individuals built an imaginary relative representational to the dangers the one that they were submitted the system Brazilian colonial slaves and more particularly the lessons (negatives and positive) they be learned her/it with the revolution happened in São Domingos.

KEYWORDS: Haiti; Black; Representations; Revolution.

Em 1824, na vila de Laranjeiras, no Estado de Sergipe, onde havia uma grande colônia de portugueses, um grupo de anticolonialistas liderado pelo rábula Antônio Pereira dos Santos pregou nas portas das casas um cartaz com a seguinte inscrição: “Morrão os marotos e Caiados” (morrão portugueses e brancos). Além da colagem dos cartazes, foi organizado, na casa de Antônio, um jantar em que foram feitos elogios ao “rei do Haiti” e a “São Domingos, a grande São Domingos”, o que atemorizou as autoridades coloniais, como podemos perceber nesta carta enviada por uma autoridade colonial ao governador das armas de Sergipe:

Senhor Governador das Armas. ALERTA. Uma pequena faísca faz um grande incêndio. O Incêndio já foi lavrado. No jantar que deram nas Laranjeiras os ‘Mata Caiados’ se fizeram três saúdes: primeiros a extinção de tudo quanto é do reino, (...) a segunda a tudo quanto é branco do Brasil (...) a terceira á igualdade de sangue e de direitos. (...)

Um menino R..... Irmão de outro bom menino fez muitos elogios ao Rei de Haiti, e porque não o entendiam, falou mais claro: São Domingos, o Grande São Domingos (...) Alerta. Alerta. Acudir enquanto é tempo. Laranjeiras, 26 de junho de 1824 (Philioordinio).¹

As falas contidas neste trecho do documento revelam as diferentes faces das repercussões da Revolução Haitiana, que por um lado era motivo de orgulho para a população mais carente, referindo-se a ela como “São Domingos, o Grande São Domingos”, mas por outro causava temor nas autoridades coloniais: “Alerta, Alerta. Acudir em quanto é tempo”. Essas imagens diferentes vão ser constantes nos imaginários construídos sobre a Revolução Haitiana durante a primeira metade do século XIX.

De todos os territórios ocupados pela França nenhum alcançou tanta prosperidade quanto São Domingos; era um dos maiores produtores mundiais de açúcar e café e contava com uma ampla maioria da população composta de escravos e negros.²

A rebelião ocorrida na parte leste da ilha de São Domingos (atual Haiti) foi a única feita por africanos na história americana que culminou em uma revolução, destruiu o sistema escravo de plantação e transformou o Haiti no primeiro país negro fora da África. Os seus impactos foram múltiplos: influenciou sobre os preços do açúcar e gerou um grande medo de que uma insurreição daquela escala acontecesse em outros lugares da América escravista. Este medo, segundo Gilroy

(2001:11), “marcou o edifício da euro-modernidade de forma muito mais profunda do que se tem reconhecido”.

Essa insurreição teve início durante a Revolução Francesa quando, devido a acontecimentos na metrópole, a ilha ganha uma maior autonomia e representatividade no parlamento levando a um crescimento das disputas internas entre brancos e mulatos e ao nascimento de uma série de levantes da população escrava em 1791. De uma rebelião, transforma-se em uma revolução, na qual se envolvem, direta ou indiretamente, a França, a Espanha e a Inglaterra. O resultado é que, sob a liderança de Toussaint L’Ouverture, os negros e ex-escravos conseguem governar a ilha, mas continuam sob a tutela da França. Com Jacques Dessalines, no ano de 1804, o Haiti separa-se definitivamente dos franceses e é proclamada a sua independência.³ O restante da ilha continuou dominado pelos espanhóis e hoje corresponde ao território da República Dominicana.

De maneira geral, a Revolução Haitiana mostrou às classes de senhores brancos da América que guerras civis internas ou mesmo guerras de independência contra o poder metropolitano levariam à destruição dos regimes coloniais que elas tanto buscavam proteger. “Haitianismo” foi o termo que circulou pelos quatro cantos da América e que era usado para definir a influência da Revolução Haitiana sobre a ação política dos negros, mulatos, escravos e livres em todo o mundo atlântico.

A Revolução Haitiana também trouxe um endurecimento das leis escravistas e dos mecanismos coercitivos, além de uma atitude menos tolerante para com os homens livres de cor. Para os escravos, mostrou que era possível construir um movimento de libertação que os levasse à tomada do poder.

O Haiti também se transformou em um exemplo de revolução anticolonialista exitosa e contribuiu para a emancipação das colônias espanholas. Simón Bolívar se refugiou no Haiti no início do século XIX, onde recebeu ajuda de Pétion, governador da parte sul da ilha; Francisco de Miranda, um dos líderes da independência venezuelana, esteve na ilha em 20 de fevereiro de 1806; o governo haitiano também colaborou com os irmãos Miguel y Fernando Carabaño, que organizaram uma expedição de 150 homens contra Cartagena, Colômbia; os mexicanos Toledo y Herrera contaram com a ajuda do corsário haitiano Bellegarde no ataque a Tampico e Veracruz; outro mexicano, Francisco Javier Mina, também esteve no Haiti preparando uma invasão ao México colonial, quando foi acompanhado por vários marinheiros haitianos. Com esses exemplos,

pode-se inegavelmente atestar como a Revolução Haitiana contribuiu para a emancipação das colônias espanholas e como foi bem-vista pelos rebeldes anticolonialistas.⁴

Mesmo assim, o Haiti foi marginalizado pelas nações recém-independentes: aqueles que tinham recebido ajuda dos haitianos deixaram a ilha isolada, pois ela inspirava mais medo do que admiração pelas “novas” classes que haviam conquistado o poder político.

No Brasil, o grande medo da revolução de São Domingos, somado à emergência do movimento abolicionista, trouxe grande temor para a elite senhorial.

Ora, perguntavam-se alguns assustados grandes homens que viviam no Brasil de então, se em São Domingos os negros finalmente conseguiram o que sempre estiveram tentando fazer, isto é, subverter a ordem e acabar de vez com a tranquilidade dos ricos proprietários, por que não se repetiria o mesmo aqui? Garantias de que o Brasil seria diferente de outros países escravistas, uma espécie de país abençoado por Deus, não havia nenhuma (Azevedo, 2004:29).

A Revolução Haitiana nunca esteve tão próxima da classe senhorial escravista brasileira. Menos de um ano depois de proclamada a independência da ilha, no Rio de Janeiro soldados negros usavam medalhões com o rosto de Dessalines. Em 1814, após uma sublevação escrava em Salvador, os comerciantes denunciavam que os cativos falavam abertamente sobre o Haiti e gritavam pelas ruas de Salvador: “Liberdade! Viva os negros e seu rei!” e “Morte aos brancos e mulatos”, numa clara alusão à revolução haitiana.⁵

Em 1824, durante a revolta regencial, conhecida como Confederação do Equador, o Batalhão dos Pardos, junto à população pobre local, resolveu atacar os comerciantes portugueses da cidade, cantando o seguinte refrão: “Qual eu imito Cristóvão, Este imortal haitiano, Eia, imitai seu povo, O meu povo soberano”, fazendo referências a Henri Cristophe, um dos generais de Toussaint L’Ouverture. Neste episódio, também merece destaque o fato de que o comandante do batalhão, depois de fugir de Recife, refugiou-se no Haiti em 1826.⁶

Em 1831, noticiava-se a presença de negros da ilha de São Domingos no Rio de Janeiro. Nesta mesma cidade, algum tempo depois foi denunciada a existência de um haitiano que se chamava Moiro e que, segundo os denunciantes, estava convidando os escravos das vilas do Bananal, Areia, Barra Mansa e São João Marcos para se insurgirem. O plano já contava com

cerca de sete mil escravos. O haitiano foi preso, não negou as acusações de que estava chamando os escravos para a insurreição, dizendo, entretanto, tratar-se de uma “brincadeira”. Mesmo com tal argumento, as autoridades provinciais pediram a sua expulsão do país.⁷

A situação de instabilidade criada por esses fatos e pela emergência de insurreições escravas no início do século XIX, em todas as partes da América, chegou a tal ponto que os senhores tiveram grande medo de um movimento internacionalista de sublevações escravas, ou seja, planos elaborados em escala atlântica para o fim da escravidão, com a participação de abolicionistas europeus.⁸

No contexto em que a possibilidade de inversão da ordem política e social parecia estar mais próxima do que nunca, já tendo ocorrido na França e no Haiti, os letrados do Brasil e viajantes que por aqui passaram começaram não só a discutir, como também a escrever e a construir todo um imaginário representacional, principalmente sobre os perigos a que estava submetido o sistema escravista colonial brasileiro e, mais particularmente, sobre as lições a serem aprendidas em decorrência da revolução de São Domingos.

Segundo Chartier (1990:27), “as estruturas do mundo social não são um dado objetivo (...); todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras”. As representações são formas, maneiras pela quais damos significado às tramas do mundo social, procurando torná-las compreensíveis. Toda representação se incorpora ao mundo social pela identificação com um “já-dito”, um “já-pensável” que lhe servirá de matriz de sentido e a legitimará.

Nesse sentido, a Revolução Haitiana foi transformada em uma “matriz de sentido”, um *locus* para onde convergiram os discursos/representações sobre a escravidão e tudo que dela derivava. A razão para isto está nas especificidades desse evento: primeiro, pelo fato de ser a única revolução escrava e negra vitoriosa do mundo moderno, o único local fora da África que se constituiu, após a independência, como uma república negra; pelos supostos extremismos de violência cometidos pelos revolucionários negros e, por fim, pela pobreza do país após a independência, atribuindo-se à revolução as responsabilidades pelas mazelas.

Uma das primeiras referências à Revolução Haitiana no Brasil apareceu na obra do bispo J.J. Cunha Azeredo Coutinho. Nascido na Capitania da Paraíba do Sul (atual Estado do Rio de Janeiro), em 1742,

estudou Filosofia e Letras em Coimbra, tornando-se bispo. Suas idéias não apresentam muita originalidade: a maioria constitui cópias de autores contemporâneos mais ou menos famosos, representando assim certo *corpus* de pensamento da época.

É ele que em 1791 (ano em que se inicia a revolução em São Domingos), escreve em Portugal um texto chamado *Memória sobre o preço do açúcar* em que chamava a atenção para a alta do preço do açúcar em toda a Europa, graças à “desgraçada revolução das colônias francesas”, além de intempéries climáticas ocorridas no Caribe. Este texto foi publicado no Brasil no ano de 1794 e acreditamos ser este o primeiro escrito a fazer uma alusão direta aos acontecimentos de São Domingos.

Para ele, aquele seria o momento em que Portugal deveria aumentar a produção de açúcar em suas colônias, pois “a revolução inesperada, acontecida nas colônias francesas, é um daqueles impulsos extraordinários com que a Providência faz parar a carreira ordinária das coisas”⁹, estando agora os plantadores franceses de “mãos atadas” e, antes que “eles principiem nova carreira”, era urgente que Portugal aumentasse a sua produção de açúcar. Para Azeredo Coutinho, um outro fator que poderia ajudar os portugueses era o fato de que

(...) havendo qualquer guerra entre aquelas colônias, além das perdas que ela consigo traz, as suas plantações e searas são muitas vezes queimadas e destruídas pela facilidade com que são atacadas por todas as partes pelas naus inimigas (Azeredo Coutinho, 1966:183).

Não seriam as “naus inimigas” que destruiriam as plantações de cana-de-açúcar, mas sim a ferocidade com que se deu o embate entre os negros e os franceses. Mesmo assim, Azeredo Coutinho já prenunciava o resultado final da revolução de São Domingos. Em um outro texto publicado no Brasil em 1808, denominado *Análise sobre a Justiça do comércio do resgate dos escravos da Costa da África*, Azeredo Coutinho faz referências diretas a São Domingos. O objetivo do texto foi criticar os “novos filósofos” franceses que condenavam o tráfico de escravos com a África:

Os novos filósofos, que se dizem os defensores da humanidade oprimida, que de males não tem eles feito sofrer a humanidade? A revolução da França e a carnagem da ilha de São Domingos, não bastam ainda para desmascarar estes hipócritas da humanidade? (Azeredo Coutinho, 1966:237).

A crítica aos franceses e às suas “idéias perniciosas” eram ainda mais duras na dedicatória feita ao povo brasileiro:

A vós felizes brasileiros, meus amigos, meus bons concidadão (...) a vós todos dedico esta obra filha do meu trabalho, obra por cuja causa eu tendo sido insultado, e perseguido pelos ocultos inimigos da nossa pátria, e pelos desumanos e cruéis agentes ou sectários dos bárbaros Brissot e Robespierre, destes monstros com figura humana, que estabeleceram em regra: pereçam antes as colônias, do que um só principio, princípio destruidor da ordem social, e cujo ensaio foi o transtorno geral de sua Pátria, e a rica e florescente ilha de São Domingos, abrasada em chamas, nadando em sangue. (Azeredo Coutinho, 1966:233).

Um ano depois deste texto de Azeredo Coutinho, aconteceu em Londres a publicação da obra *Narrativa de uma Viagem ao Brasil* (1805) escrita pelo viajante inglês Thomas Lindley, que procurava apresentar o país com base em seu diário escrito entre os anos de 1802 e 1803, período em que aqui estivera, principalmente nas províncias de Porto Seguro e São Salvador. Ele era maçom e, de alguma forma, admirava os resultados da Revolução Francesa. Mesmo assim, para ele, a França, em sua fase “de mais completa revolução e igualdade dos cidadãos”, não se equivalia à igualdade de tratamento que se encontrava no Brasil entre pessoas de diferentes raças. Talvez isso explicasse por que, conclui ele, “dado o número excepcional” de negros existentes no Brasil e os “últimos acontecimentos de São Domingos”, não se viam grandes perigos de uma insurreição negra, mesmo já tendo ocorrido a Guerra de Palmares, um século antes, tendo os negros se mostrado sempre “alegres e contentes”, o que configurava uma “política acertada” do governo português.¹⁰

Pouco tempo depois, no ano de 1810, um advogado paulista, Antonio Vellozo de Oliveira, em *Memória sobre os melhoramentos da província de São Paulo* tocava tangencialmente no assunto, destacando em seu texto dois aspectos que, para ele, dificultavam a continuidade da escravidão: por um lado, o Tratado de Comércio firmado com a Inglaterra, que previa a extinção da escravidão e, por outro, os “casos tristes” e recentes ocorridos no Suriname, na Jamaica e em São Domingos, que, segundo ele, mereciam uma “particular reflexão”.¹¹

Talvez o principal difusor do conjunto de idéias que depois veio a ser conhecido como “haitianismo” tenha sido João Severiano Maciel da Costa. Ele era brasileiro, marquês de Queluz, governou a Guiana Francesa entre 1809 e 1819, foi membro da Assembléia Constituinte (1823), ministro do

Império (1823-4), presidente da Província da Bahia (1825-6) e ministro dos Negócios Estrangeiros e da Fazenda (1827). Com este currículo, salienta João José Reis, sua “Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil” (1821) não deve ter passado despercebida na época.¹² Neste texto, ele fazia questão de salientar o perigo que o aumento da escravaria, somado ao contágio de idéias estrangeiras, traria para o Brasil:

Se felizes circunstâncias têm até agora afastado de nossas raias a empestada atmosfera que derramou idéias contagiosas de liberdade e quimérica igualdade nas cabeças dos africanos das colônias francesas, que as abraçaram e perderam, estaremos nós intensa e eficazmente preservados? (...) O que parece de difficilimo remédio é uma insurreição súbita, assoprada por um inimigo estrangeiro e poderoso, estabelecido em nossas fronteiras e com um pendão de liberdade arvorado ante suas linhas (Costa, 1988:22).

João Severiano Maciel da Costa fazia questão de disseminar o medo de rebeliões escravas, dizendo que Roma teve de “combater dez vezes seus escravos (que ao menos tinham outra civilização e costumes) e venceu; São Domingos sucumbiu”.¹³ Para ele, apenas “felizes circunstâncias” tinham barrado no Brasil rebeliões como aquela ocorrida em São Domingos; então era mais que urgente substituir os trabalhadores escravos por trabalhadores livres. E, fazendo questão de reforçar seu argumento, volta a descrever o que tinha acontecido na ilha de São Domingos:

(...) contemple a ilha de São Domingos, primor da cultura cultural, a jóia preciosa das Antilhas, fumando ainda com o sacrificio de vítimas humanas e inocentes... Observe sem lágrimas, se pode, dois tronos levantados sobre os ossos de senhores legítimos para servirem de recompensa aos vingadores de Toussaint L’Ouverture (Costa *et al.* 1988:22)

Na nota que coloca ao final desta citação, ele se diz indignado com o fato de que as nações (uma referência à Inglaterra e aos Estados Unidos) que “podiam dar fim a tal escândalo” assim não o faziam, mas antes até mesmo protegiam “aqueles bárbaros”.¹⁴

Percebemos que Severiano da Costa procurava criar um imaginário do medo em torno da possibilidade de acontecer no Brasil uma revolução escrava tal qual acontecera em São Domingos caso o trafico de escravos continuasse e não se introduzissem novas formas de trabalho.

Este mesmo imaginário é criado por José Bonifácio de Andrada e Silva, político paulista, o “patriarca da Independência”, em *Representação a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravatura* encaminhada no ano de 1823, em que era ainda mais enfático:

Se o mal está feito, não o aumentemos, senhores, multiplicando cada vez mais o número de nossos inimigos domésticos, desses vis escravos que nada têm que perder, antes tudo que esperar de alguma revolução, como a de São Domingos, ouvi, pois, torno a dizer, os gemidos de cara pátria que implora socorro e patrocínio (Silva, 1988:75).

Ciente do que acontecera em São Domingos, Andrada e Silva lembrava à elite colonial os perigos que ela corria caso se mantivesse desunida:

Pelejemos denotadamente a favor da razão e humanidade e a favor de nossos próprios interesses, embora contra vós uive e ronque o egoísmo e a vil cobiça, sua perversa indignação e seus desentoados gritos sejam para nós novos estímulos de triunfo, seguindo a estrada limpa da verdadeira política (Silva, 1988:75).

Utilizando-se de algumas idéias de José Bonifácio de Andrada e Silva, que cita em seu texto, e seguindo a linha de pensamento defendida também por Severiano da Costa, Frederico Leopoldo Cezar Burlamaque, brasileiro, nascido no Piauí, doutor em Ciências Matemáticas e Naturais e membro do Conselho do Imperador e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, escreveu, em 1837, fruto de um concurso publico,¹⁵ o livro *Memória analytica á Cerca do Commercio d’escravos e á Cerca dos Males da escravidão Domestica*. Nesse ensaio, ele se referia ao fato ocorrido na ilha de São Domingos como exemplo do que o crescimento descontrolado dos escravos poderia provocar e, citando Charles Comte, afirmava:

No tempo em que a ilha de São Domingos era possuída por homens de raça européia, a perda de indivíduos possuídos chegava todos os anos a um vigésimo e os acidentes a faziam subir á décima quinta parte (...) São Domingos, diziam, era a rainha das colônias (Comte *apud* Burlamaque, 1988:161).

Para ele, o Brasil corria sérios riscos caso a população escrava continuasse a aumentar; propunha, então, que os ex-escravos fossem extraditados para a África, tal qual faziam os ingleses e americanos.

Para Rafael de Bivar Marquese, é preciso ter cuidado na análise do “haitianismo” presente nas obras desses autores; deve-se procurar

avaliar se o medo de fato expressava os sentimentos reais ou se fora utilizado como um recurso retórico para convencer as autoridades brasileiras da necessidade de fazer reformas na escravidão.¹⁶ Neste sentido, Antonio Penalves Rocha defende que o antiescravismo europeu (do qual os “ilustrados” brasileiros eram dependentes) da segunda metade do século XVIII explorou a tese de que, por estar relegado a condições de miserabilidade, para o negro só restava a insurreição. Assim a idéia de revolta foi usada para fins retóricos a fim de fazer as autoridades se convencerem da necessidade de reformar a escravidão, única forma de evitar uma rebelião escrava generalizada. Seguindo esta lógica, os “ilustrados” brasileiros (principalmente João Severiano Maciel da Costa e José Bonifácio de Andrada e Silva) se apropriaram dos acontecimentos de São Domingos para propagandear a necessidade de reformar a escravidão.

Para justificar esta tese, Penalves Rocha cita um trecho do livro do Abade Raynal *História filosófica e política dos estabelecimentos europeus nas duas índias*, escrito em 1781, em que o Abade carrega as tintas sobre os perigos de uma revolta escrava generalizada, tentando mostrar como este medo era anterior à revolução de São Domingos.

(...) só falta aos negros um chefe bastante corajoso para conduzi-los à vingança e à carnificina. Onde está este homem que a natureza deve aos seus filhos vexados, oprimidos, atormentados? Onde está? Ele aparecerá, não duvidemos, e se apresentará carregando o estandarte sagrado da liberdade. Este sinal venerável reunirá em torno dele seus companheiros de infortúnio. Mais impetuosos que as torrentes, deixarão em todos os lugares os traços indeléveis dos seus justos ressentimentos. Espanhóis, portugueses, ingleses, franceses, holandeses, todos os seus tiranos se tornarão presas do ferro e das chamas (Raynal in Rocha, 2000:59).

Embora não discordando do ponto de vista de Penalves Rocha, salientado pela afirmação de Raynal, acreditamos que a realidade era mais complexa do que a prenunciada por este autor. Para ilustrar esta “complexidade”, basta dizer que Toussaint L’Ouverture, principal dirigente da primeira metade da revolução de São Domingos, leu a obra do Abade Raynal.¹⁷ Assim, a retórica utilizada pelo religioso poderia ter cumprido uma dupla função: lembrar às elites de uma possível rebelião escrava caso a escravidão não fosse reformada e, por outro, incentivar Toussaint L’Ouverture a tomar as redes das rebeliões negras que assolavam a ilha de São Domingos, principalmente a partir de 1791.

Outro exemplo da complexidade dessa situação é o fato de não existirem somente imagens negativas sobre a revolução de São Domingos. O baiano Antônio Pereira Rebouças, por exemplo, mulato, então secretário do governo sergipano de Manuel Fernandes da Silveira¹⁸ foi um dos poucos intelectuais que procurou elucidar (a sua maneira é claro) o que ocorrera na ilha de São Domingos, escrevendo uma biografia, publicada em um jornal, sobre Toussaint L'Ouverture.

Outro letrado que fazia referências elogiosas à Revolução Haitiana era o jornalista Hipólito da Costa, redator e editor do primeiro jornal regular a circular no Brasil, o *Correio Braziliense*, que era editado em Londres. Hipólito escrevia em seu jornal que o “povo do Haiti deseja ser livre e independente. Eles (sic) o serão. Eles não precisam de apoio estrangeiro: as suas mesmas forças protegerão a sua liberdade”.¹⁹

Cipriano Barata, quando deputado nas cortes de Portugal, em 1822, fez um pronunciamento que depois se transformou em um texto exaltador da coragem dos “valorosos” habitantes de São Domingos que souberam defender a sua soberania nacional. O redator de jornais e político, Antonio Borges da Fonseca (1808-1872), em 1829, publicou um perfil biográfico de Toussaint L'Ouverture extremante elogioso.

Havia também posições dúbias em relação ao Haiti, como podemos perceber na análise da obra “Viagem pitoresca através do Brasil”, escrita em 1935 pelo viajante alemão Johann Moritz Rugendas, que esteve no Brasil em 1921, onde empreendeu viagens de reconhecimento pelas cidades de Salvador e Rio de Janeiro. Nos doze anos em que esteve nas Américas, Rugendas também visitou o México, a Argentina, o Peru, a Bolívia e o Chile, tempo em que construiu três mil obras, particularmente gravuras e desenhos diversos.

O fato de ter visitado tantos países o ajudou a ter uma ampla visão das colônias: na sua obra *Viagem Pitoresca ao Brasil*, encontram-se referências a outras realidades coloniais, principalmente para ressaltar o suposto atraso em que vivia o Brasil pelo fato de ainda não ter tomado medidas efetivas para o fim da escravidão. Tal qual Thomas Lindley e ciente do que tinha acontecido na ilha de São Domingos, Rugendas se pergunta como tão grande número de negros poderia ser subordinado por tão pequeno número de brancos, pois “a experiência (referindo-se ao Haiti) demonstrou que, pela força, os negros ganhariam na maioria das colônias”.²⁰ Para ele, a resposta estaria em uma suposta “força moral branca” que se sobrepunha aos interesses dos negros. Estes, “como crianças, gozam da feliz faculdade

de apreciar os prazeres do momento sem se preocupar com o passado ou com o futuro”²¹ e graças, principalmente, à adoção “convicta” dos negros à religião católica, “consoladora dos negros”, não se viam no Brasil paganismos, presença marcante nas colônias inglesas e no Haiti.

Ao que nos parece, o Haiti impressionava Rugendas, pois se ele postula que os negros são inferiores, uma inferioridade “intrínseca e orgânica” em relação aos brancos, e daí o fato de serem subordinados, como então justificar que negros governem um Estado? Ele responde a esta inquietação:

Que existam negros instruídos e civilizados e que se possam citar atos generosos deles, isso nada prova; a existência da República do Haiti não basta para justificar tudo o que foi dito em prol dos negros (...) é evidente que a administração do Haiti não passa, a despeito das formas republicanas, de uma simples imitação da burocracia européia, tal qual nasceu da Revolução Francesa e do governo imperial (Rugendas, s/d:20).

Percebemos que Rugendas reconhece a existência de uma república negra nas Américas: o Haiti; ele alude a esse fato de forma direta, são os “terríveis acontecimentos da ilha de São Domingos”. Para ele, a razão de um governo negro no Haiti estaria no fato de que eles imitavam as instituições ocidentais, particularmente a burocracia européia, nascida na França.

Para Rugendas, o Haiti era símbolo do que poderia ocorrer com a emancipação gradativa dos escravos, pois, tomando como base o destino de pobreza da ilha, ele assinala que “o negro liberto toma sozinho o seu lugar nas classes inferiores da sociedade, o lugar que lhes é assinalado pela sua capacidade e fortuna”.²² Para ele, o destino dos negros seria o da pobreza e o da marginalização, não muito diferente do destino do Haiti.

Entretanto, por mais contraditório que possa parecer, ele também assinala que a emancipação dos escravos foi importante para o Haiti, pois “o aumento da população do Haiti, após horríveis devastações, demonstra as vantagens que teria a Europa com a extinção da escravidão”.²³

Também presente em Rugendas estava o medo de que a classe senhorial branca brasileira tivesse o mesmo destino da classe dominante de São Domingos, quando brancos e mulatos entraram em conflito, e os negros aproveitaram para se insurgirem. Segundo ele, só uma política “sábia” de união das classes poderia evitar uma “explosão violenta” comum em muitos Estados da América, mas

(...) se o curso dos acontecimentos, a imprevidência dos partidos ou a imprudência dos governos provocarem um dia uma revolta de escravos, só será possível dominá-la mediante o apoio da população livre de homens de cor e negros. É, por conseguinte, muito importante ligá-los, definitivamente, aos brancos, por um interesse comum (Rugendas, s/d:249).

Ao final dessas análises, podemos perceber que a Revolução do Haiti constituiu um modelo político vigoroso, fosse ele rejeitado, manipulado, temido ou admirado. Muito se falou sobre a Revolução Haitiana, mas pouco se aprofundou. Isto, entretanto, não significa que não houvesse preocupação com o problema. Muito pelo contrário, a ausência de uma investigação mais aprofundada por parte dos letrados revela um receio de difundir informações sobre o que acontecera na ilha de São Domingos, no intuito de não motivar ainda mais as insurreições escravas.

É preciso entender que as representações e imagens da Revolução Haitiana assumiram diferentes significados entre os letrados, primeiro pela emergência e importância do protesto negro no contexto da revolução de São Domingos – nunca nas Américas a insurreição escrava esteve tão vigorosa; segundo, pela disseminação do medo do Haiti, com proposição de medidas coercitivas ou proposição de reformas no sistema escravista; e terceiro, pelo poder do racismo das elites dirigentes das Américas (e da elite brasileira) que, em linhas gerais, definiram políticas internacionais que condicionaram o Haiti à marginalização e à pobreza.²⁴²⁴ Política iniciada com Simón Bolívar que, mesmo ajudado pelos haitianos, excluiu o Haiti dos países convidados para a Conferência do Panamá, em 1826.

Ainda na contemporaneidade, o Haiti costuma ser visto como uma espécie de “calamidade negra”, um lugar que assume a forma de Estado-nação moderno, mas sem sê-lo, sede de “violenta tirania” e exóticas crenças religiosas, cuja pobreza constitui uma herança tanto de seu “primitivismo” quanto de sua exploração pelas nações européias e pelos Estados Unidos. Para as elites dominantes da América, era vital que o Haiti não desse certo: como conviver com uma nação negra e próspera, que subvertera todas as convenções durante o seu processo de independência?

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 8 de maio de 2007 e aprovado para publicação em 18 de junho de 2007.

¹ Arquivo Nacional, IG 105, folhas 177-119 apud Luiz R. B. Mott, “Branços, pardos e pretos em Sergipe: 1825-1830” *Anais de História*, ano 6, 1974: 139-184.

² Nada menos que 95% da população em São Domingos era formado por negros segundo as informações de Lavínia (2005).

³ Os estudos clássicos sobre a revolução Haitiana são o de C.R.L. James (2000) , o de Fick (2004) e Dubois (2004).

⁴ Outro forte impacto também se deu na economia, pois como Haiti deixa de ser o maior produtor mundial de açúcar, São Domingos, respondendo a cerca de 30% da produção mundial, causou um aumento nos preços do açúcar e incentivou o aumento das plantações em Cuba, na Jamaica e no Brasil.

⁵ Para maiores informações ver o artigo de Gomes e Libaneo (2002).

⁶ Ver Morel (2004)

⁷ Para maiores detalhes sobre as repercussões da revolução Haitiana, ver Mott (1982), Gomes (2002), Morel (2004), Gomes e Libaneo (2002) e Morel (2004).

⁸ A alusão a este medo é feito por Gomes (1995).

⁹Idem, página 184

¹⁰ Ver Lindley, 1805, pp.71e 128

¹¹ OLIVEIRA, Antonio Vellozo de. *Memórias sobre os Melhoramentos da Província de São Paulo, Aplicável em Grande parte á todas as Outras províncias do Brasil*”, Rio de Janeiro: Nacional, 1822. Este texto é analisado por Azevedo (1987).

¹² Esta constatação está presente no livro de Reis (2003).

¹³ Ver Costa (1988) p. 21

¹⁴ Idem, p. 55.

¹⁵ Este texto foi escrito para um concurso promovido pela Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional.

¹⁶ Para maiores detalhes ver Marquese (2004).

¹⁷ Sobre esse fato ver POMER (1980)

¹⁸ Ele era acusado de pertencer a uma sociedade secreta, a “Sociedade Gregoriana”, que objetivava instigar a guerra contra os brancos, tornando as gentes de cor os novos donos do poder.

¹⁹ Ver Morel (2004: 32)

²⁰ Ver Rugendas (1835), p. 120.

²¹ Idem, p. 251.

²² Idem, p. 123.

²³ Idem, p. 124.

Referências

Fontes primárias

BURLAMAQUE, F. L. C. Memória analítica acerca do comércio de escravos e acerca dos males da escravidão doméstica. (1837). In: COSTA, J. S. M.(et alli). *Memórias Sobre a escravidão*. Publicações Históricas, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1988.

COSTA, J. S.M.. Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil, sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer e sobre os meios de remediar a falta de braços que ela pode ocasionar. (1821) IN: COSTA, J. S.M. (et alli). *Memórias Sobre a escravidão*. Publicações Históricas, Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Arquivo Nacional. 1988

COUTINHO J.J. C. A.. *Obras econômicas (1794-1804)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

LINDLEY, T. *Narrativa de uma Viagem ao Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. (Original de 1805).

SILVA, J. B. A. Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura. (1825) IN: COSTA, J. S. M. (et alli). *Memórias Sobre a escravidão*. Publicações Históricas, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1988

RUGENDAS, J.M. *Viagem pitoresca através do Brasil*, São Paulo: Círculo do Livro, s/d (edição original de 1835).

Obras de Apoio

ALVES, A. F. O medo da africanização e da haitianização do Brasil: a segurança social e a experiência haitiana. In: *NetHistória*. Disponível em: <http://www.nethistoria.com>. Acesso em: 15 Ago. 2005.

AZEVEDO, C. M. M. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites - século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BRITO, E. Z. C. de B. O Haiti era lá, aqui e acolá. Os discursos sobre a escravidão no século XIX. In: ALMEIDA, J. de & CABRERA, O. (Orgs). *Caribe: Sintonias e Dissonâncias*. Goiânia: Centro de Estudos do Caribe no Brasil, 2004.

CHARTIER, R. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

COOPER, F. (et alli) *Além da escravidão: Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005

COSTA, E.V. *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue: A rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

C.R.L. J. *Os jacobinos negros. Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*, São Paulo: Boitempo, 2000.

GILROY, P. *O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Editora 34, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, F. Em torno dos bumerangues: outras histórias de mocambo na Amazônia. *Revista USP*, São Paulo, nº 28; p. 40-55. Dezembro-Fevereiro 1995/1996.

GOMES, F. Experiências transatlânticas e significados locais: idéias, temores e narrativas em torno do Brasil escravista. *Tempo*, v. 7, nº 13, Julho de 2002.

GOMES, F. e LIBANEO, C. E. Sedições, Haitianismos e conexões no Brasil: outras margens do Atlântico negro. *Revista Novos Estudos Cebrap*, nº 63, São Paulo, Julho de 2002.

GORENDER, J. O épico e o trágico na história do Haiti. *Estudos Avançados*, v. 24, nº 3, p.483-512.

Haití: Primera nación independiente de América latina. *Revista todo es Historia*, Buenos Aires, nº 245, noviembre 1987.

LAVIÑA, J. De Saint Domingue a Haití. las revoluciones en la colonia francesa del caribe. *EAVirtual* - Revista del Grupo de Estudios Afroamericanos Universidad de Barcelona, Barcelona nº 3, 2005.

KLEIN, H. *A Escravidão Africana na América Latina e Caribe*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARQUESE, R.B. *Feitores do corpo, missionários da mente*. Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860. São Paulo: Companhia das Letras. 2004

MOREL, M. O Haiti não foi aqui. *Revista Nossa História*, ano 1, nº 11, Setembro de 2004.

MOTT, L. B. A revolução dos negros do Haiti e o Brasil. *História: Questões e Debates*, 3(4), p. 55-63, 1982.

POMER, L. *América: histórias, delírios e outras magias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

ROCHA, A. P. Idéias antiescravistas da Ilustração na sociedade escravista brasileira. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 43 -79, 2000

REIS, J. J. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, J. J. “Nós achamos em campo a tratar da liberdade”: a resistência negra no Brasil oitocentista. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. Formação: História. 2ª edição. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2000.

RETAMAR, R. F. *Bicentenário de la independência de Haiti: Uma esponja empapada de sangue*. (Versión de la conferencia magistral pronunciada em Sala Che Guevara de la Casa de las Américas el viernes 26 de septiembre de 2003) .

SALGADO, G. Introdução. In: COSTA, J. S.M. (et alli). *Memórias Sobre a escravidão*. Publicações Históricas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1988.

SANTOS, E. F. “A Revolução Haitiana e suas repercussões”. *Revista de História da Universidade do Espírito Santos*, Vitória, nº 4, 2003.

SOARES, C. E. L. S. e GOMES, F. “Com o Pé sobre um Vulcão”: Africanos Minas, Identidades e a Repressão Antiafricana no Rio de Janeiro (1830-1840). *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 23, nº 2, p. 1-44, 2001.